O DESENCANTO NA POESIA DE ARMÉNIO VIEIRA

THE DISENCHANTMENT IN THE POETRY OF ARMÉNIO VIEIRA

LARISSA SOUZA*

SIMONE CAPUTO GOMES**

Resumo: A multiplicidade de discussões e referências na poesia do escritor caboverdiano Arménio Vieira traz ao leitor certa desorientação e angústia, como marca da lírica moderna (FRIEDRICH, 1978). Logo, o presente artigo é resultado de nossa angústia e vontade de decifrar os seus códigos discursivos, a partir da leitura do livro *MITOgrafias* (VIEIRA, 2006), em que é possível observar o desencanto como mote para a construção de alguns poemas.

Palavras-chave: literatura, poesia, Cabo Verde, desencanto

Abstract: The multiplicity of discussions and references in the poetry of Cape Verdean writer Arménio Vieira brings to the reader certain disorientation and anguish as a mark of modern lyricism (FRIEDRICH, 1978). Therefore, the present article is the result of our anguish and desire to decipher his discourse codes, from the reading of the book *MITOgrafias* (VIEIRA, 2006), in which it is possible to observe disenchantment as a thematic for the construction of some poems.

Keywords: literature, poetry, Cape Verde, disenchantment

* Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP).

** Professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

Escrever sobre a poesia de Arménio Vieira¹ não é tarefa fácil. Autor múltiplo, que caminha pelos espaços de experimentação do texto poético, não segue um padrão artístico-estético, nem trabalha com temas específicos, e tem como característica discursiva o confronto com o leitor.

A leitura de seus poemas requer muito mais do que uma mera apreciação da poesia. É preciso ir além e se construir enquanto leitor múltiplo. Afinal, ler um texto de Arménio Vieira é compreender que o “Super-Homem” retratado é um conceito nietzschiano, e não uma simples personagem dos quadrinhos.

Segundo Simone Caputo Gomes (2011), a poesia de Arménio Vieira:

[...] passeia pelos vários tipos de arte, como a música, a pintura, a arquitetura, a escultura, o cinema (uma grande paixão do autor). E por vários tipos de discurso, como o metapoético, o ideológico, o político, o religioso, o mitológico, o metalinguístico, o erótico, o filosófico, o bíblico, o teatral, a fábula, a parábola. Vagueia ainda pelos gêneros lírico, épico, dramático (trágico ou cômico, resvalando pelo humorístico, irônico e satírico). (GOMES, 2011, p.45-46)

O trabalho artístico do autor começa a ser analisado a partir dos estudos sobre a lírica moderna (FRIEDRICH, 1978). Uma das características desses textos é a dissonância, uma junção de incompreensibilidade e fascinação, causando certa desorientação e angústia no leitor (ibid. , p.15). A obscuridade da poesia moderna, contudo, é intencional. Sua leitura exige do leitor, fazendo com que o mesmo não seja um mero receptor do texto. É preciso, então, trazer seu horizonte de referências para que os códigos discursivos sejam decifrados.

Dessa perspectiva, os textos de Arménio Vieira são dissonantes, fazendo com que suas leituras oscilem entre o fascínio e o desconcerto, causando, assim, certa perturbação no leitor, para que resulte na ânsia de decifrar os códigos da experimentação poética do autor.

1 Arménio Vieira é poeta, jornalista e escritor. Nasceu na cidade da Praia (Santiago, Cabo Verde) em 1941. Um dos fundadores da página literária *Seló*, suplemento do Notícias de Cabo Verde, publicou poemas em diversas revistas, como *Vértice*, *Raízes*, *Mákua*, *Alerta*, *Ponto & Vírgula*, *Fragmentos* e *Sopinha de Alfabeto*. Foi vencedor do Prémio Camões, o maior prêmio literário de língua portuguesa, em 2009.

É por isso que escolher um tema ou um caminho reflexivo para discutir a poesia de Arménio Vieira também é tarefa árdua e pode representar certo reducionismo em relação ao seu trabalho poético. Entretanto, a escolha do desencanto como mote para a análise de alguns de seus poemas foi um percurso construído pela nossa leitura do livro *MITOgrafias* (VIEIRA, 2006), em que a perturbação e o fascínio foram os nossos companheiros. Assim, a partir da prévia constatação de que muitos de seus poemas retratam uma perspectiva corrosiva sobre o destino do homem e da humanidade, refletiremos neste artigo sobre alguns de seus poemas em que reverbera o desencanto como uma visão crítica da contemporaneidade.

Ecos da modernidade reflexiva na poesia de Arménio Vieira

A modernidade reflexiva é pensada a partir do que se convencionou chamar de modernidade. O século XVII, na Europa, foi um período caracterizado pela perspectiva iluminista, em que a razão se sobrepunha à crença. A chamada modernidade clássica representava a certeza, a segurança, o crescimento, o progresso, o novo, ou seja, um período eufórico que reverberava em construções artísticas utópicas, elevando o homem ao centro de um universo no qual o poder estava ligado às habilidades humanas, ao racionalismo, à criação e à evolução das espécies.

Todavia, com as transformações históricas que aconteceram durante todo o século XX, as ideias iluministas passaram a ser questionadas, visto que as guerras (desencadeando uma série de conflitos mundiais), além dos processos da globalização (massificando a exploração do humano e do meio ambiente), são atualmente pensados enquanto reflexos do fracasso humano e da insuficiência de um real projeto humanista.

Para Giddens (1995), “o *fin de siècle* tornou-se amplamente identificado com sentimentos de desorientação e mal-estar” (ibid., p.73). E este período perturbador não se refere apenas ao Ocidente, como a todo o mundo civilizado.

A modernidade reflexiva consiste, nesse sentido, numa nova percepção sobre a modernidade, em que os sujeitos começam a compreender o fracasso dos projetos daquela, a partir da autoconfrontação em que o homem contemporâneo se assume (BECK, 1995). Logo, alguns conceitos, como a destradicionalização, o

abandono, a desestruturação, a fragmentação e a desorientação são fundamentais para a discussão do tema.

A partir do conceito da modernidade reflexiva proposto por Beck e Giddens, é possível construir um diálogo com a poesia de Arménio Vieira.

Não há guarda-chuva, João,
 contra uma noite que é só noite,
 sem moeda para comprar o sono,
 tão-pouco uma praga
 para exorcizar a insónia.
 Numa noite assim, qual a chance
 de pegar um trem,
 no qual, subindo,
 principiasse o sonho? (VIEIRA, 2006, p. 21)

A noite, no poema, como um tempo de cansaço e insônia, indica uma longa espera em que não há uma só moeda para que se compre o descanso. E, se a noite é metáfora do nada, como pensar, então, num sonho, em algo possível de acontecer?

O tempo também pode ser o móvel da noite, relógio agonizante que marca os ponteiros de uma vida sem sonhos e sem desejos. A partir do intradexo, estratégia discursiva em que há um entrelaçamento de discursos (HUTCHEON, 1985), o poeta faz referência ao poema do escritor brasileiro João Cabral de Melo Neto “A Carlos Drummond de Andrade”: “[...] Não há guarda-chuva/contra o tempo/rio fluindo sobre a casa, correnteza/carregando os dias, os cabelos” (MELO NETO, 1994, p.79), ou mesmo ao poema “Psicologia da Composição”, em que João Cabral afirma: “Eu me refugio/nesta praia pura/onde nada existe/em que a noite pouse” (ibid., p.153). Por isso, não há guarda-chuva, uma proteção segura para o tempo do nada, em que os sujeitos, pela insônia constante, vagam noite adentro.

Mas onde localizar a noite de que fala o poema? Em que lugar o eu-lírico se encontra? Os poemas de Arménio Vieira tratam de questões existenciais e não localizam o eu-lírico em uma determinada geografia, como era recorrente em textos de autores cabo-verdianos das gerações anteriores, a exemplo de Corsino Fortes. Expressando as angústias e dores de um cidadão do mundo, inserido

no tempo contemporâneo de incertezas, a temática da noite insone permeia o desencanto de um eu-lírico universal.

Se a desgraça estiver para vir,
que venha de avião. Será mais
uma, estou habituado.
Em todo o caso, se os elefantes,
como os peles-vermelhas, vivem
em reservas, não é minha a culpa,
nem fui eu quem produziu a maçã
com que Adão se lixou.
Que eu saiba, nunca estive no Paraíso.
Quando mataram Cristo não era eu
o procurador de Roma. Quem disse
que usei napalm nas minhas brigas?
Quem disse que eu estava em França
na sangrenta noite dos huguenotes?
Em 1939-45 andava eu de fralda
e chucha na boca. Em Nuremberg
não fui citado, ninguém me passou
a corda. Not guilty! (VIEIRA, 2006, p.44)

Neste poema, há um percurso por uma série de eventos históricos que evoca a culpa como mote para desenvolver as reflexões que remetem ao desencanto, a partir do fracasso humano. Enquanto sujeito universal, o eu-lírico, de forma autorreferencial, tece uma crítica à humanidade e a todos os projetos de desenvolvimento fracassados, além das atrocidades cometidas em nome do progresso. Porém, contraditoriamente, enquanto parte da humanidade, recusa-se a aceitar sua inserção nela.

A leitura do poema necessita de conhecimentos prévios do leitor, em virtude das inúmeras referências mitológicas, históricas e tecnológicas, como os mitos que explicam o castigo da humanidade, a exemplo da estória cristã sobre a maldição da maçã no jardim do éden ou a crucificação de Cristo; as guerras religiosas francesas; a invenção de armamentos militares para assassinatos em massa, como o conjunto de líquidos inflamáveis, o napalm; a Segunda Guerra Mundial;

os julgamentos dos nazistas em Nuremberg; extermínio das comunidades indígenas, ou mesmo a domesticação exploratória do meio ambiente e dos animais. Esses temas atuais referem-se a diversos espaços do globo, a partir do risível, ou do “humor cáustico” (GOMES, 2011, p.48), a exemplo dos versos “eu andava de fralda” ou “não fui citado”.

O poema constrói, por meio do questionamento de um eu-lírico que nega a si próprio, enquanto parte da humanidade, da espécie, a afirmação de uma herança maldita, em que todas as formas de desenvolvimento e de criação trouxeram apenas resultados negativos para o planeta terra.

Logo, o eu-lírico, negando de forma irônica sua contribuição para os erros humanos do mundo, assume o risco da autoconfrontação com sua espécie. Consequentemente, o poema constata a catástrofe de qualquer projeto humano e, assim, representa o desencanto do sujeito, em nível planetário.

Arménio Vieira: poeta niilista?

As reflexões do camaronense Célestin Monga, em seu livro *Niilismo e negritude – As artes de viver na África* (MONGA, 2010), abordam as configurações do imaginário africano na atualidade, desnudando-se de preconceitos, exotismos e reducionismos sobre temas que permeiam o cotidiano de muitos indivíduos, como o amor, a religiosidade, a ritualização em torno do ato de comer, a dança, a música, o corpo e a violência. Todos esses assuntos, segundo Monga, estão concatenados a conceitos niilistas que refere, a partir das reflexões do romeno Emil Cioran e do polonês Arthur Schopenhauer.

Para Monga, o termo Niilismo parte de três perspectivas: a primeira, referindo-se etimologicamente à palavra em latim *nihil* (*nada*) e o mote é o cansaço mortal de viver; a segunda, à celebração do nada como absurdo; e a terceira, inserida numa filosofia para a afirmação da existência, ainda que dentro da perspectiva do nada (ibid., p.35-36). No decorrer do livro, o crítico faz uso das três vertentes, mesmo que mais propenso à terceira.

Por meio de uma série de experiências vivenciadas, Célestin Monga discute o desencanto a partir de um olhar crítico e autorreferencial, colocando em questionamento uma África mítica que é criada pelo imaginário orientalista (SAID, 2013), e desconstruindo-a, com reflexões sobre o continente em suas múltiplas

contemporaneidades: os espaços urbanos, rurais, os cosmopolitismos, as desigualdades, a corrupção, ou seja, temas que permeiam o universal, e não apenas o local. Logo, a desintegração dos valores modernos e a autoconfrontação, que Monga apresenta em seu livro, são consoantes com a discussão da modernidade reflexiva. E, assim, abre-se também um instigante caminho reflexivo sobre os poemas de Arménio Vieira.

DIE WELT ALS WILLE UND VORSTELLUNG*

...Schopenhauer

Que acaso decifre el universe.

J.L.Borges

1.

Insaciáveis aves de rapina,
famélicos mais que os cães.
É como se cada homem fosse
um avatar de Tântalo
atormentado por miragens.

2.

Reclusos perpétuos
de uma vasta penitenciária.
Porém é pouco: somos as reses
de um imenso matadouro.

* Mundo como Vontade e como Representação

Schopenhauer

(VIEIRA, 2006, p.83)

A confrontação com o leitor se dá de forma bem explícita neste poema. Já na leitura do título exige-se um código a ser decifrado, visto que ele está grafado em língua alemã. O escritor, todavia, traz uma pista ao leitor, na inserção de uma nota em que *explica* que a designação se refere a um texto do filósofo Arthur Schopenhauer. Outro elemento importante a ser observado é a citação do escritor argentino Jorge Luís Borges, que também se refere ao filósofo. De início, o

leitor tem uma primeira grande tarefa, tentar compreender o porquê de Arménio Vieira ter trazido ao seu texto uma referência ao mesmo tempo filosófica e poética.

O mundo como vontade e como representação (SCHOPENHAUER, 2005) consiste numa compilação de livros que traz os mais importantes pensamentos e reflexões do filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860). Para o pensador, a essência do mundo não está nele mesmo como centro, mas sim na representação e na vontade. Por isso, o mundo é uma representação criada a partir da vontade dos seres vivos. E essa afirmação traduz-se em diferentes graus, sendo que a objetividade mais elevada dessa representação é encontrada no ser humano (Livro I).

Nos livros subsequentes, Schopenhauer trata da vontade e da representação a partir da questão do humano, a exemplo da arte como satisfação pela contemplação estética (Livro II) e da vontade que leva ao conhecimento, resultando no sofrimento (Livro IV). Visto dessa forma, compreende-se, inicialmente, que Arménio Vieira usa a estratégia de trazer a questão filosófica da vontade e da representação para a construção do poema.

Este é dividido em duas partes: a primeira representa o homem enquanto animal devorador, ave de rapina, que devora a própria carne e é mais faminta que um cão. Tem-se, por isso, a construção do homem como um sujeito brutal.

Para tratar especificamente da ideia da representação, Arménio Vieira compara o homem a um avatar, como uma representação projetada, a partir da imagem mitológica de Tântalo, filho de Zeus, que se encontra no Canto XI do livro *Odisseia*, de Homero (2013). A personagem é castigada por duvidar da onisciência dos deuses, roubando os manjares divinos e servindo a carne do próprio filho. O castigo: ser lançado ao Tártaro, onde existia muita água e frutos, mas que, contraditoriamente, não saciaria suas fome e sede. O mito, portanto, fala sobre o sofrimento daquele que deseja algo aparentemente próximo, mas inalcançável.

A projeção do sujeito neste ser mítico representa a terrível constatação da natureza humana, quando o sentimento de superioridade e a vontade de poder levam às mais terríveis ações. Assim, o sofrimento humano está diretamente ligado ao mais alto grau de objetivação que Schopenhauer discute em seu texto.

É interessante pensar que a imagem de Tântalo também remete a um elemento químico. O nome do elemento, inclusive, foi dado por analogia aos mitos, visto que, assim como a água e os frutos estão próximos da personagem e o seu castigo

é não conseguir acessá-los, no caso do elemento químico, este, entre diversos reagentes, não é afetado por nenhum deles. A referência ao elemento químico, nesse sentido, pode ser outra chave para decifrar o poema de Arménio, pois um de seus componentes é usado para produzir jatos, motores, mísseis e reatores nucleares. Ou seja, é um elemento químico ligado, ao mesmo tempo, à tecnologia, ou seja, ao conhecimento humano, mas também ao poder de destruição e ao sofrimento do humano.

O sujeito no poema é ainda atormentado por miragens, momento em que o texto dialoga com a citação de Borges, escritor que teceu suas obras por meio de construções imagéticas dos sonhos e das referências surrealistas. Assim, as miragens que atormentam o homem são as mesmas representações criadas a partir de suas vontades. E a destruição do humano é parte do mesmo. O castigo, então, é a existência.

A segunda parte do poema constata o que foi afirmado na primeira, o castigo da existência. Desse modo, o eu-lírico discorre sobre a impossibilidade de pensar a existência como uma libertação. A vida humana é deveras sofrimento e a representação do mundo, lugar de exclusões e aprisionamentos. A escolha do termo “penitenciária”, no poema, significando um espaço claustrofóbico e nauseante do aprisionamento humano, lembra, também, a palavra penitência, como vida desorientada, desestruturada, em que as representações e vontades resultaram no mal-estar da contemporaneidade.

Por isso, “somos os reses”, classificados ao nível dos animais que são abatidos para a alimentação humana. Mas o “imenso matadouro” é também representado a partir de nossas vontades. A tragédia antropofágica do humano resiste em seu desejo pela destruição do semelhante e, assim, resulta em sua própria destruição.

Para além das discussões locais sobre os conflitos e problemas cabo-verdianos, o eu-lírico se insere como cidadão do mundo e, ao invés de discorrer sobre a miséria local, constrói-se uma poética da miséria existencial (MONGA, 2010, p. 23), expressiva de que, apesar de todas as transformações, ao longo dos séculos, nada resta à humanidade, além de destruição e caos:

A miséria e o arbítrio que marcam a vida cotidiana mostram que a existência é uma forma de agitação sem finalidade, e os que não querem se suicidar devem se sujeitar – por sua conta e risco. Que ninguém se engane: toda ação se enuncia no vazio e na irreabilidade”. (ibid., p.170)

A poesia de Arménio Vieira reverbera temas que tocam o niilismo. Em alguns poemas, como neste último citado, a perspectiva niilista representaria o cansaço de viver, o desencanto a partir da constatação das imperfeições do humano, de sua natureza, mas também do fracasso dos projetos de desenvolvimento. E, por isso, “o ser humano é essencialmente um corpo destinado à ruína” (ibid., p. 170).

A falência dos valores humanos, representada em inúmeros poemas de Arménio Vieira, evoca uma perspectiva niilista aristocrática (HUTCHEON, 1985, p.43), visto que a visão melancólica do autor, no retrato do desencanto em relação à humanidade, depende da erudição do leitor para ser compreendida.

Contudo, pensar em Arménio Vieira como um poeta niilista talvez ainda seja uma interpretação redutora de sua obra. Afinal, nem “tudo é finito” (VIEIRA, 1981, p.41) na poesia deste grande autor. Há muitos outros caminhos e confrontos que o leitor necessitará experimentar.

Referências

- BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernidade reflexiva*. Política, tradição e estética na ordem social moderna. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1995.
- FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. Problemas atuais e suas fontes. Trad.: Marise M. Curioni e Dora F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
- GOMES, Simone Caputo. Arménio Vieira: Aulas magnas de arte poética. *Revista Mulemba*, Rio de Janeiro, v.1, n.4, p.44-55, 2011.
- HOMERO. *Odisseia*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2013.
- HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*. Ensinaamentos das formas de arte do século XX. Trad.: Teresa Louro Pérez. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.
- MELO NETO, João Cabral. *João Cabral de Melo Neto. Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MONGA, Célestin. *Nilismo e negritude*. As artes de viver na África. Trad.: Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- VIEIRA, Arménio. *Mitografias*. Mindelo: Ilhéu Editora, 2006.
- VIEIRA, Arménio. *Poemas*. Lisboa; Praia: África Editora, 1981.